

**MAGIA DENTRO DA MAGIA: O PAPEL DOS LIVROS NA NARRATIVA DE
HARRY POTTER, DE J. K. ROWLING**

Rosane Pontes Silva¹
Luciana Raimunda de Lana Costa²

RESUMO: Em consonância com Lajolo (2021), a literatura infantojuvenil ganha visibilidade a partir do século XVIII, quando a sociedade passou a reparar mais na necessidade de histórias feitas para crianças e adolescentes. Por meio da ficção e sua capacidade de suscitar imagens ao leitor, obras literárias nacionais e do exterior passaram a destacar-se e serem, inclusive, criticadas ou elogiadas pela crítica literária. Nosso objetivo neste texto é de trazer algumas reflexões e considerações a respeito do universo mágico de *Harry Potter*, o porquê da saga chamar tanta atenção dos leitores. Sua carga estética, a possível proporção de prazer e fruição, bem como a estreita relação de constituição de seu enredo com a própria literatura é um processo imersivo por meio da formação de imagens. Nosso escopo teórico passa por Barthes (1987), Candido (1972), Lajolo (2021) e Bettelheim (2002) entre outros teóricos. Esperamos que este texto sirva para que os leitores, sendo mediadores de leitura ou não, percebam a importância de se levar narrativas que atraíam a atenção do leitor, indiferente se são contempladas pelo cânone, pois para a mediação de leitura literária o prazer e a fruição do texto vêm antes do que costumeiramente os críticos chamam de estética.

Palavras-chave: Valor. Estética. Prazer. Carga imagética. Práxis educacional.

**MAGIC WITHIN MAGIC: THE ROLE OF BOOKS IN J.K. ROWLING'S *HARRY POTTER*
NARRATIVE**

ABSTRACT: In line with Lajolo (2021), we know that children's literature gained visibility from the 18th century onwards, when society began to notice more the need for stories made for children and adolescents. Through fiction and its ability to evoke images in the reader, national and foreign literary works began to stand out and even be criticized or praised by literary critics. Our objective in this text is to bring some reflections and considerations about the magical universe of *Harry Potter*, why the saga draws so much attention from readers. Its aesthetic charge, the possible proportion of pleasure and fruition, as well as the close relationship between its plot and literature itself, is an immersive process through the formation of images. Our theoretical scope goes through Barthes (1987), Candido (1972), Lajolo (2021) and Bettelheim (2002) among other theorists. We hope that this text will help readers, whether they are reading mediators or not, to realize the importance of taking narratives that attract the reader's attention, regardless of whether they are contemplated by the canon, because for the mediation of literary reading pleasure and fruition of the text come before what critics usually call aesthetics.

Keywords: Value. Aesthetics. Pleasure. Image load. Educational praxis.;

Introdução

¹Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, RO, Brasil. Docente na SEDUC/MT. rosanep.claretiano@gmail.com

²Doutoranda em Estudos Literários na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra, MT, Brasil. Mestra em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras/ PROFLETRAS. Luciana.costa@unemat.br

A série de livros de *Harry Potter* provavelmente fez e ainda faz parte da infância e adolescência de muitas pessoas, até mesmo da vida adulta, já que toda a trilogia – lançada inicialmente no ano de 1997 – segue expandindo seu universo, contando muito mais do que a história inicial do menino com uma cicatriz em formato de raio em sua testa.

Assim, não é de se espantar que muitas pessoas tenham sido introduzidas ao mundo da leitura a partir das várias obras de autoria da escritora britânica Joanne Rowling (1965), que na literatura de *Harry Potter* assinava como J.K. Rowling. Ou até mesmo tenham se entusiasmado a ler mais depois de apreciarem diversos itens do universo mágico de *Harry Potter*.

Com uma narrativa estruturada a partir de um mundo escondido dentro do chamado “mundo real”, o compilado de bruxos, seres mágicos, atividades cotidianas e toda a luta entre o bem e o mal tratadas na obra chamam a atenção de leitores de todas as idades, o que nos instigou a buscar avaliar alguns itens do universo de *Harry Potter* que provavelmente contribuem para o seu sucesso de leitura.

A seguir trataremos melhor do valor estético da obra, de sua relação com o prazer e a fruição de leitura, para então abordarmos como alguns aspectos literários presentes no universo das obras de *Harry Potter* são abordados e se fazem presente no cotidiano das personagens.

Valor e estética em *Harry Potter*

Por muito tempo se discutiu a respeito da qualidade estética da série de livros de Rowling. Por ter se tornado um amplo sucesso e, de certa forma, possuir uma estrutura linguística mais acessível do que outras obras (especialmente as que pertencem ao cânone literário), algumas críticas não favoreceram toda a saga de *Harry Potter* e as demais estruturas artísticas montadas a partir dela.

A respeito do cânone, Roberto Mibielli (2021, p. 18) nos explica que ele “[...] não representa o todo da Literatura, mas uma escolha, uma construção excludente, em torno de um grupo de obras e autores”. Sendo o cânone uma seleção, não nos espanta que as obras de J. K. Rowling tenham recebido duras críticas nas últimas duas décadas, além de serem excluídas de algumas possibilidades da crítica literária.

Embora mais recentemente já se reconheçam alguns níveis de valor em suas criações, especialmente no que tange a imersão ou influência de crianças e adolescentes no ambiente da leitura, a saga enfrenta ainda muitos pré-conceitos por parte da crítica e também da sociedade. Em crítica à censura que a obra sofre em alguns contextos familiares, escolares e

sociais, Lajolo (2021, p. 447) afirma que “[...] na história do bruxinho inglês, a condenação é fundada na suposta difusão e incentivo, na trama narrativa, de crenças e práticas ligadas ao que é considerado feitiçaria”.

Em se tratando do mediador de leitura que se preocupe com a possível utilização de Harry Potter como objeto de leitura no ambiente escolar, a importância da leitura literária por si só angaria razões suficientes para se permitir tal leitura. Entretanto, se houver ainda uma necessidade de justificação maior do que o direito à literatura ou mesmo à nossa necessidade diária de ficção e fantasia (CANDIDO, 1972), há que se lembrar ainda que a estrutura básica da narrativa de Rowling se faz por símbolos e por campo imagético. Neste sentido, as ações da saga de Harry Potter são, por assim dizer, “[...] relatos simbólicos de experiências de vida cruciais. A criança ou compreende intuitivamente, embora não ‘saiba’ explicitamente” (BETTELHEIM, 2002, p.192) os diversos embates vivenciados pelos personagens da saga e, portanto, também de si e das próprias vivências e/ou desafios enfrentados.

Eis que, ao levarmos em consideração tais fatos, e depois de quase trinta anos de lançamento, sucesso como literatura e com expansão para outras áreas da Arte, as críticas de valor e estética sobre a obra de Rowling nos parecem destoar de seus resultados, principalmente se considerarmos sua aceitação pelo público juvenil. O universo de *Harry Potter* se faz presente no cotidiano de muitos leitores, de idades distintas, permitindo um contato com o mundo da leitura e da ficção dessa e de outras obras que possuem características semelhantes.

O Prazer e a fruição da leitura de *Harry Potter*

De qualquer forma, a leitura das obras de Rowling e que contemplam a saga de *Harry Potter* nos parece um procedimento prazeroso, daqueles em que, como nos explica Roland Barthes (1987, p. 21-22), traz euforia, contentamento, promove uma leitura prática e confortável, sem quebrar com a cultura do leitor, por mais concepções novas que possam apresentar.

É importante lembrarmos que, a leitura de *Harry Potter* pode também ser de fruição, a depender da forma como for abordada. Temáticas como *bullying*, violência, práxis educacionais, primeiro amor, relacionamento familiar, alienação parental, morte, assassinato, abuso de poder, feminismo, protagonismo juvenil, escravidão, são alguns dos vários temas que compõem as narrativas de Rowling, e que podem retirar o leitor do seu lugar comum se percebidos durante o processo de leitura.

Outro fator é que ao tratar de magia, mitologia, apresentar um mundo escondido dentro de outro, trazer nomenclaturas nada agradáveis – como os “não bruxos”, chamados de “trouxas”, algo visto como uma forma pejorativa por muitas pessoas, alheias à crítica literária, achando que a obra promovia não apenas magia, mas insultos – enfim, toda a construção da narrativa de *Harry Potter* coloca os leitores em contato com concepções históricas e acadêmicas (muitas criações possuem associação com a mitologia Grega), além de permitir novos horizontes, que atrapalhem seus gostos, conhecimentos, valores e os façam questionar e investigar novas possibilidades no mundo (BARTHES, 1987, p.22).

O próprio universo construído dentro da narrativa, com criaturas mágicas, personalidades heróicas, aventuras sem fim, romances e brincadeiras, são capazes de colocar as próprias personagens em estado de estupor diante do que visualizam ou experimentam, como vemos neste trecho em sequência:

Estavam encarando os olhos de um cachorro monstruoso, um cachorro que ocupava todo o espaço entre o teto e o piso. Tinha três cabeças. Três pares de olhos que giravam enlouquecidos; três narizes, que franziam e estremeciam farejando-os; três bocas babosas, a saliva escorrendo em cordões viscosos das presas amarelas. [...] Harry bateu à procura da maçaneta – entre Filch e a morte, ficava com o Filch. (ROWLING, 2000a, p. 155).

Harry e seus amigos, Rony, Hermione e Neville estavam diante de Fofo, um cachorro praticamente mitológico, gigante, com três cabeças, capaz de tirar rapidamente a vida dos quatro amigos. A carga mitológica, mas também psicológica do excerto de Rowling, parte do fato de que

O inconsciente é a fonte de matéria-prima e a base sobre a qual o ego erige o edifício de nossa personalidade. Prosseguindo na comparação, nossas fantasias são os recursos naturais que fornecem e moldam esta matéria-prima, tornando-a útil para as tarefas de construção da personalidade que cabem ao ego. Se somos privados desta fonte natural, a vida fica limitada; sem fantasias para nos dar esperanças, não temos forças para enfrentar as adversidades da vida (BETTELHEIM, 2002, p. 133).

O espanto dos personagens representa o terror do próprio leitor frente ao desconhecido, à morte ou mesmo a vilania de qualquer ordem. Por meio da vivência narrativa ficcional, o leitor tem a possibilidade de experienciar situações adversas sem, contudo, sofrer grandes perdas. Por meio ainda de metáfora, o leitor compreende o fato de que se os personagens enfrentaram o cão de três cabeças e sobreviveram, ele (leitor) também consegue enfrentar as adversidades que se-lhe apresentam.

O excerto também deixa explícita a dialogicidade com a mitologia grega em que Cérbero (o cão de Hades) é descrito de forma parecida. O trecho mostra ainda quanto o universo mágico desenvolvido para estruturar *Harry Potter* contribui para que a experiência de leitura se realiza a contento, enquanto permite aos leitores compreender as expressões e sensações que as próprias personagens experimentam.

O contexto mágico em si, dentro da narrativa, deixa até mesmo algumas personagens “de boca aberta” com as concepções mágicas que são apresentadas. Assim fica o próprio Harry Potter, quando ao acampar com a família Weasley, se depara com duas barracas que externamente não pareciam suportar as dez pessoas que deveriam se abrigar nelas, mas que internamente tinham toda uma estrutura montada: “Harry se abaixou, passou por baixo da aba de entrada e sentiu o queixo cair. Entrara em uma barraca que parecia um apartamento antigo de três quartos, completo, com banheiro e cozinha” (ROWLING, 2001, p. 82).

Antes disso, Hermione, considerada uma das alunas mais inteligentes entre o grupo de Harry, pareceu preocupada com o tamanho das barracas em relação ao grupo de pessoas. Isso demonstra que, dentro da narrativa de *Harry Potter*, mesmo o mais informado dos bruxos pode acabar se surpreendendo com as várias possibilidades que a magia pode oferecer.

E se as próprias personagens conseguem se espantar com as possibilidades da magia dentro do universo apresentado, não nos assusta que os leitores também percebam essas e outras sensações, no processo de ler, se deliciar e mesmo fruir não apenas das histórias narradas em cada livro da saga, mas também nas particularidades e detalhes de objetos, locais, ações e muito mais.

A presença da literatura em *Harry Potter*

A própria literatura é algo essencial para a constituição da contextura em Rowling, uma vez que a história se passa, em sua maioria, na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, localizada em algum lugar do Reino Unido. Assim, livros fazem parte do cotidiano de estudantes e professores, e até mesmo do dia a dia mais comum, como percebemos neste trecho: “Havia livros arrumados em fileiras triplas sobre o console da lareira, livros com títulos do gênero *Enfeitice o seu próprio queijo, Feitiço no forno e Festas de um minuto – um Encantamento!*” (ROWLING, 2000b, p. 36). Harry estava se deparando com literatura específica para os cuidados com a casa, ao visitar pela primeira vez a casa da família Weasley.

Em muitas situações os livros podem ser tratados como objetos quase independentes ou com tanta magia que possuem certos “poderes”, especialmente de alterar comportamentos, como nos revela este trecho de conversa entre Harry e seu amigo Rony:

– Você ficaria surpreso – disse Rony, olhando apreensivo para o livro. – Os livros que o Ministério da Magia tem confiscado, papai me contou, tinha um que queimava os olhos da pessoa. E todo mundo que leu Sonetos de um bruxo passou a falar em rima para o resto da vida. E uma velha bruxa em Bath tinha um livro que a pessoa não conseguia parar de ler! Passava a andar com a cara no livro, tentando fazer tudo com uma mão só. E... (ROWLING, 2000b, p. 227).

Outro exemplo é de como um diário que parecia simples e com nada escrito, possui a capacidade de “se comunicar” com a pessoa que está com ele, usando a escrita e uma experiência de imersão em lembranças para fazer essa comunicação. Depois de verificar que o diário, diferente de outros livros comuns, absorvia a tinta que recebera numa situação comum, Harry decide investigar mais a fundo o que se passa com aquele estranho objeto:

E é aí que um processo fantástico se inicia, com Harry se comunicando com o diário através da escrita, e o diário “respondendo” de volta, como se alguém também escrevesse nele. Eis um momento dessa comunicação:

Excitado, Harry tornou a molhar a pena uma segunda vez e escreveu: “Meu nome é Harry Potter.”As palavras brilharam momentaneamente na página e também desapareceram sem deixar vestígios. Então, finalmente, aconteceu uma coisa. Filtrando-se de volta à página, com a própria tinta de Harry, surgiram palavras que ele nunca escrevera. “Olá, Harry Potter. Meu nome é Tom Riddle. Como foi que você encontrou o meu diário?” Essas palavras também se dissolveram, mas não antes de Harry recomeçar a escrever. “Alguém tentou se desfazer dele no vaso sanitário.” Ele esperou, ansioso, pela resposta de Riddle. “Que sorte que registrei minhas memórias em algo mais durável que a tinta. Mas sempre soube que haveria gente que não ia querer que este diário fosse lido.” (ROWLING, 2000b, p. 236).

Ao iniciar um processo comunicativo com um objeto que em teoria não pudesse responder de volta, Harry entra no caminho do insólito, que de acordo com Flavio García (2021, p. 278) “[...] significa o extraordinário, inacreditável, incrível, inimaginável, inédito, abrangendo o inesperado, surpreendente, decepcionante”.

Além disso, o próprio diário vai ser utilizado para transportar Harry para dentro de uma lembrança, e a descrição desse momento é também muito interessante:

As páginas do diário começaram a virar como se tivessem sido apanhadas por um vendaval e pararam na metade do mês de junho. Boquiaberto, Harry viu que o quadradinho correspondente ao dia treze de junho parecia ter-se

transformado numa telinha de televisão. Com as mãos ligeiramente trêmulas, ele ergueu o livro para encostar o olho na janelinha e antes que entendesse o que estava acontecendo, viu-se inclinando para a frente; a janela foi se alargando, ele sentiu o corpo abandonar a cama e mergulhar de cabeça na abertura da página, num rodaminho de cores e sombras. Depois, sentiu o pé bater em chão firme e ficou parado, trêmulo, e as formas borradas à sua volta entraram de repente em foco. (ROWLING, 2000b, p. 238).

Ao entrar na lembrança, que parece muito real, Harry se depara com uma pessoa e tenta se comunicar com ela, que não lhe dá atenção. Logo ele percebe que ele “[...] era pouco mais do que um fantasma, completamente invisível às pessoas de cinquenta anos atrás” (ROWLING, 2000b, p. 239).

Assim, os vários livros que são utilizados dentro da narrativa de *Harry Potter* se configuram como amplos objetos de representação da magia presente dentro das obras deste universo, capazes de deixar até mesmo os bruxos mais sábios e experientes abismados com as possibilidades destes materiais.

Em *Harry Potter* temos ainda os livros que gritam: “Um grito agudo de coalhar o sangue cortou o silêncio – **o livro está gritando!** Harry fechou-o depressa, mas o grito não parou, uma nota alta, contínua, de furar os tímpanos”(ROWLING, 2000a, p. 198, grifo nosso). Quanto espanto ao tentar abrir um livro no meio da noite, às escondidas, e ele soltar um grito ensurdecedor? Inimaginável, talvez, mas uma presença forte dentro das possibilidades narrativas do universo de *Harry Potter*.

E vamos a mais um exemplo de como os livros, neste universo mágico construído por J. K. Rowling possuem significância e auxiliam na imersão do leitor na narrativa. No trecho a seguir, um livro novo na lista de estudos de Harry e seus amigos vai causar bons estragos na livraria em questão:

Harry teve uma surpresa quando parou para olhar a vitrine da livraria. Em vez da decoração habitual com livros de feitiçaria gravados a ouro, do tamanho de lajotas, havia uma grande gaiola de ferro com uns cem exemplares de *O livro monstruoso dos monstros*. Páginas arrancadas voavam para todo o lado, enquanto os livros se agrediam e se atracavam em furiosas lutas livres e mordidas agressivas. (p.54) [...] – Hogwarts? – perguntou o homem sem rodeios. – Veio comprar os seus livros? – Vim. Preciso... – Saia do caminho – disse o gerente empurrando Harry para o lado com impaciência. Em seguida, puxou um par de luvas muito grossas, apanhou um bengalão nodoso e rumou para a porta da gaiola em que estavam os exemplares de *O livro monstruoso dos monstros*. – Espere aí – disse Harry depressa –, já tenho um desses. – Já? – Uma expressão de imenso alívio espalhou-se pelo rosto do gerente. – Graças a Deus. Já fui mordido cinco vezes esta manhã... Um barulho alto de papel rasgado cortou o ar; dois livros monstruosos tinham agarrado um terceiro e começavam a destruí-lo. – Parem com isso! Parem com isso! – exclamou o gerente, enfiando a bengala pelas grades e separando os livros à força. – Nunca

mais vou ter essas coisas em estoque, nunca mais! Tem sido uma loucura! Pensei que já tínhamos visto o pior quando compramos duzentos exemplares de *O livro invisível da invisibilidade*, custaram uma fortuna e nunca achamos os livros... Bem... tem mais alguma coisa em que possa lhe servir? (ROWLING, 2000c, p. 55-56).

Nesses trechos, somos apresentados a dois livros de intenso interesse. Ambos são tão comprometidos ao seu conteúdo, que apresentam com maestria suas principais características. No caso do primeiro, *O livro monstruoso dos monstros*, o mesmo atua com ferocidade, certamente representando os vários “monstros” que aborda em sua literatura. E é com surpresa que o leitor e os alunos descobrem, alguns capítulos à frente, como exatamente abrir o livro e aproveitar o seu conteúdo:

– Vocês têm que fazer carinho neles. [...] Ele apanhou o livro de Hermione e rasgou a fita adesiva que o prendia. O livro tentou morder, mas Hagrid passou seu gigantesco dedo indicador pela lombada, o livro estremeceu, se abriu e permaneceu quieto em sua mão. (ROWLING, 2000c, p. 114).

Curioso como ninguém pensa que, para acessar o conteúdo de um livro sobre monstros que age como eles, é necessário “acalmar a fera”. Já *O livro invisível da invisibilidade* se presta a realizar muito bem aquilo que seu título expressa: ser invisível.

Dentro da narrativa de *Harry Potter* temos diversos níveis de fantasia explorados sob vários pontos de vista, o que certamente contribui ainda mais para uma completa absorção por parte dos leitores, que querem saber mais sobre “o menino que sobreviveu” e tudo que ele vivencia no mundo da magia que passa a conhecer, desde livros que parecem ter vida própria, passando por vassouras usadas para voar e praticar um esporte, aos quadros e fotografias cujos representados se movimentam e até mesmo “saem” de suas molduras, às viagens por dentro de lareiras e muito mais.

Tudo isso nos recorda que “[...] a literatura de ficção é fantasia e permite que os sonhos, a imaginação e o devaneio sejam elaborados” (CURIA, 2012. p. 14), não só dentro da narrativa como também pelo leitor jovem em uma relação de prazer e fruição, mas também de autoidentificação.

A leitura de *Harry Potter* em sala de aula

E a práxis de leitura literária com a saga de Rowling? Como fica diante de tantas críticas e ideologias nem sempre coerentes? Antes de tudo é importante lembrar que pelo texto literário de Rowling “tem-se uma dinâmica infinita envolvida e que se movimenta conforme as mutações

e as contradições históricas, políticas e sociais” (COENGA, 2010, p.60) dentro da própria narrativa em forma manante, ondulante e até mesmo por *hiperlinkagem*, não só pela possibilidade imagética que a obra traz, mas principalmente de abstração de conhecimentos por inter, meta e transtextualidade dissolvidas em toda a obra.

Assim, a saga de Harry Potter possui o que os críticos chamam de literariedade não só pela gama de fantasia e criação como também pela possibilidade que o leitor jovem terá em ampliar as próprias expectativas, ver-se projetado em uma história que também pode ser sua devido aos temas referentes à adolescência, além do fato de que a literatura “[...] não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 1972, p. 806). Por meio da leitura de Harry Potter, o leitor jovem tem a possibilidade de ser outro estando em si mesmo. Sentir e experienciar o que o humaniza por meio de sensações que a arte pode oferecer.

Portanto, o que fica não é a pergunta se o mediador de leitura deve ou não levar a obra de Rowling como forma de leitura, mas como fazê-lo. E neste sentido, não há receitas que sirvam a todos os públicos e leituras de forma homogeneizadora e que o mediador possa “descansar suas preocupações”. A ação de mediar a leitura de Harry Potter precisa contemplar

[...] os múltiplos sentidos que a materialidade literária pode possibilitar ao leitor, mas acima de tudo que [...] seja uma ação marcante e interligada à vida do leitor jovem. E que este tenha a possibilidade de fruir a obra e ampliar a própria visão e ato de ler para outros nichos literários (COSTA; PINTO. In PINTO et al; 2023, p. 138).

Isto porque uma vez que, apesar das peripécias, desafios e ações contidas na narrativa de Rowling, a história também tem a sua parcela de conceitos moralizantes e, a exemplo dos contos de fadas, traz um final feliz. Logo, indiferente da metodologia do mediador, é importante que este tenha claro que a leitura proposta precisa ultrapassar o sentido pedagogizante ou mesmo no sentido do “ler por ler”. É necessário que a práxis que venha ser eleita pelo mediador seja também no sentido de formar, humanizar como defende Candido (1972) e, principalmente propiciar ao leitor jovem a fruição por meio da leitura literária.

Conclusão

Provavelmente toda a narrativa construída em torno de *Harry Potter* encanta porque, dentro deste universo mágico, a própria magia descrita e utilizada no cotidiano dos bruxos e

bruxas é capaz de assombrar e encantar, não apenas os “trouxas”, mas os próprios “portadores de varinhas” e outros seres mágicos que fazem parte da vida bruxa representada em *Harry Potter*.

Mas queremos fechar essas reflexões dizendo que talvez a principal “marca” e contribuição da narrativa de Rowling para o leitor jovem seja a capacidade de criação, de carga imagética, bem como a possibilidade de autoidentificação com a obra. Entretanto, como toda produção humana, há quem elogie e há quem veja apenas o lado negativo.

O que cabe ao mediador de leitura frente a saga de Harry Potter não é pensar se a narrativa possui ou não possui valor estético, principalmente pelo fato de que a obra circula há trinta anos. O que compete ao mediador de leitura é pensar caminhos de “como” ofertar tal obra ao leitor jovem e dar-lhe a possibilidade de refutar ou se deleitar com o bruxo mais amado do mundo.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16.ed. São Paulo: Paz e terra, 2002.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. São Paulo, v.24, n°9, p.806-9, set., 1972.

COENGA, Rosemar. **Leitura e Literatura Infanto-juvenil: Redes de Sentido**. RosemarCoenga (Org.) – Cuiabá, MT: Carlini&Caniato, 2010.

COSTA, Luciana Raimunda de Lana; PINTO, Aroldo José Abreu. Experiência leitora e produção de sentidos em A maior flor do mundo, de José Saramago. In: Aroldo José Abreu Pinto; João Carlos Gomes; Sidney da Silva Facundes. (Org.). **Leitura da literatura em sala de aula: propostas de abordagem**. 1ed.Garça/SP: Editora FAEF, 2023, v. 1, p. 113-140.

CURIA, D. F. dos S. A Literatura Infanto-juvenil na Contemporaneidade: um outro olhar para o literário em sala de aula. **Revista Thema**,[S. l.], v. 9, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/134>. Acesso em: 5 mar. 2023.

GARCIA, Flavio. Insólito. In:JOBIM,JoséLuís; ARAÚJO, Nabil; SASSE, Pedro Puro (org.). **(Novas) palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021. *Ebook*.p. 276-291.Disponível em: <http://www.edicoesmakunaima.com.br/2022/07/20/novas-palavras-da-critica/>. Acesso em: 04 mar. 2023.

LAJOLO, Marisa. Literatura infantil e juvenil. In:JOBIM,JoséLuís; ARAÚJO, Nabil; SASSE, Pedro Puro (org.). **(Novas) palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021. *Ebook*.p. 422-451.Disponível em: <http://www.edicoesmakunaima.com.br/2022/07/20/novas-palavras-da-critica/>. Acesso em: 04 mar. 2023.

MIBIELLI, Roberto. Cântone. *In*: JOBIM, José Luís; ARAÚJO, Nabil; SASSE, Pedro Puro (org.). **(Novas) palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021. *Ebook*. p. 13-43. Disponível em: <http://www.edicoesmakunaima.com.br/2022/07/20/novas-palavras-da-critica/>. Acesso em: 04 mar. 2023.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000c.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.